



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL  
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE JARDIM  
CURSO LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS-INGLÊS**

**ROSANE DE SOUZA CABREIRA**

**O SUBSTANTIVO NO LATIM E NO PORTUGUÊS: APROXIMAÇÕES**

Jardim- MS  
2010

**ROSANE DE SOUZA CABREIRA**

**O SUBSTANTIVO NO LATIM E NO PORTUGUÊS: APROXIMAÇÕES**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Letras, Habilitação Português-Inglês, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/ Unidade Universitária de Jardim, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras, sob a orientação do Prof. Dr. Miguel Eugênio Almeida.

Jardim - MS  
2010

## FICHA CATALOGRÁFICA

**CABREIRA, Rosane de Souza.**

**O Substantivo no Latim e no Português: Aproximações.** Trabalho de Conclusão do Curso de Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - Unidade de Jardim, 2010.

**1. Língua Latina**

**2. Língua Portuguesa**

**3. Substantivo**

**ROSANE DE SOUZA CABREIRA**

**O SUBSTANTIVO NO LATIM E NO PORTUGUÊS: APROXIMAÇÕES**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Miguel Eugênio Almeida

---

Profª Dra. Onilda Sanches Nincão

---

Profª Esp : Michele Serafim dos Santos

*Dedico esta monografia a toda minha família que contribuíram de algum modo para tornar possível a realização deste sonho. Em especial à minha mãe Irma Coene e ao meu pai Evirge que sempre torceram por mim.*

## **AGRADECIMENTOS**

*Agradeço primeiramente a Deus, a ele toda honra e glória pela minha vida e por ter chegado até aqui.*

*Á minha família, meus pais, irmãos, sobrinhos e principalmente ao meu esposo Carlos de todo o meu amor que me ajudou incansavelmente nessa trajetória.*

*Ao Prof. Dr. Miguel meu orientador, pelos meus ensinamentos durante essa caminhada.*

*E a todos aqueles que sempre me incentivaram a ser vitoriosa.*

*“Toda língua são rastros de  
velhos mistérios”.*

*Guimarães Rosa*

## RESUMO

A gramática portuguesa é conhecida por possuir dez classes de palavras: substantivo, numerais, artigo, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição. E essas classes são arrumadas em variáveis que são as seis primeiras, e invariáveis as quatro últimas.

Esse é o aspecto atual, mas para alcançar essa estrutura a língua portuguesa passou por várias transformações em contato com outras línguas, sofrendo mudanças até hoje, pois a língua não é estática, sem perder vínculo com o latim que a originou e conseqüentemente mais contribuiu para a formação do português contemporâneo. E durante o processo de transformação do latim para o português, ocorreram perdas e ganhos morfológicos, que serão estudados tendo como corpus desta pesquisa “O substantivo no latim e no português: aproximações.”

**Palavras-chave:** 1. Língua Latina; 2. Língua Portuguesa; 3. Substantivo.



## ABSTRACT

The Portuguese grammar is known to have ten classes of words: noun, numeral, article, verb, adverb, preposition, conjunction and interjection. And these classes are variables that are stowed in the first six and last four invariable.

This is the current look, but to achieve this structure the Portuguese went through several transformations in contact with other languages, undergoing changes today, because the language is not static, without losing ties with the Latin they originated and therefore contributed most to formation of contemporary Portuguese. And during the process of transformation of Latin into Portuguese, there were losses and gains of morphology, which will be studied with a corpus of this research, "The noun in Latin and Portuguese: approximations."

Keywords: 1. Língua Latina, 2. Portuguese Language 3. Noun.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO I</b>	
<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	
1 História do latim .....	13
2 Morfologia .....	16
2.1 Noção da Morfologia Geral.....	16
2.2 Conceito básico.....	16
2.3 Noção de morfologia latina.....	17
2.4 O substantivo no latim e no português.....	18
2.4.1 As funções sintáticas do substantivo na língua latina e portuguesa.....	18
2.5 Morfossintaxe.....	25
2.5.1 Caso e função sintática do latim .....	28
<b>CAPÍTULO II</b>	
Análise das Ocorrências.....	31
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>40</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>42</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>43</b>

## Introdução

No estudo da formação da língua portuguesa alguns pontos são considerados importantes e entre eles estão, a influência sofrida por outras línguas e as mudanças morfológicas, semânticas e sintáticas. Sendo assim, durante o processo da formação da língua portuguesa, o aspecto morfológico caracteriza-se por perdas sofridas pelo latim e os ganhos conquistados pelo português. Portanto estudar os fatores que provocaram as modificações morfológicas na língua portuguesa tomando como objeto do estudo “os substantivos no latim e no português: aproximações” não é apenas sinalizar as perdas, mas principalmente considerar a importância no processo dessas mudanças morfológicas recorrentes na língua portuguesa.

Segundo Matos e Silva (2001), “caracteriza-se essa mudança como morfologia flexional, que passou por um processo violento de simplificação no latim falado do Império Romano, que é à base dos romances, origem das línguas românicas, pois os nomes estão relacionados à função sintática desempenhada na frase conceituado de acordo com o caso latino.”

Muitas das vezes nos perguntamos qual a importância do latim e porque estudá-lo, mas, todavia, deixar de lado a língua que não só deu origem ao português e demais línguas neolitanas, como também influenciou tantas outras, é deixar de lado a oportunidade de entender, historicamente, como todas essas línguas se relacionam e se transformam.

Foi pensando nisso que resolvemos escrever o quanto ela é de extrema importância para o português e mostrar que o latim não é uma língua morta. Ele está mais vivo do que nunca, não só vivo nas línguas neolitanas, mas em seu uso propriamente dito.

Segundo Furlan (2006, p.42) “latim é importante para disciplinar a mente, e adquirir cultura humanística é conhecer e valorizar nossa língua portuguesa”

Utilizamos a língua latina em algumas situações de nosso dia-dia, deixamos o curriculum vitae nas empresas para conseguir emprego, fazemos curso de pós-graduação lato

sensu ou strico sensu, nossa universidade pode estar localizada em diferentes campi etc. Esses são apenas alguns exemplos de expressões latinas comuns ao nosso cotidiano, mas é claro sua influência se estende a outras línguas.

Dessa maneira segundo Bortolanza (1994, p.33) será possível “aprofundar a investigação acerca da origem e evolução diacrônica da língua portuguesa, descobrir analogias e discrepância entre a morfossintaxe latina e portuguesa, e ainda compreender melhor os fenômenos lingüísticos da nossa língua.”

Assim iremos estudar os fatores que provocaram as modificações morfológicas nominais na língua portuguesa tomando como objeto de estudo as aproximações do latim para o português que apesar de sofrer um processo de transição com modificações recorrentes da fonologia, fonética, sintaxe, semântica e principalmente morfológicas ainda herdam algumas semelhanças quase na sua totalidade de algumas palavras, neste trabalho foram analisados alguns substantivos latinos e substantivos na língua portuguesa. Conforme Coutinho (1976, p.46), “o português é o próprio latim modificado”

O objetivo geral que norteou a presente pesquisa foi analisar os substantivos na língua latina e no português, verificar as diferentes funções em que estes substantivos estarão representando no latim que variara conforme flexão e caso, o que não ocorre no português, pois um mesmo substantivo será escrito da mesma forma não importando sua função dentro da frase.

Sendo que os objetivos específicos são apresentar as aproximações que a língua portuguesa tem com a língua latina, bem como as analisar funções sintáticas dos substantivos nessas línguas.

Para tanto este trabalho foi estruturado da seguinte forma:

Capítulo I: História do latim, noções de morfologia geral, noção de morfologia latina, as funções sintáticas do substantivo na língua latina e portuguesa, noção de morfossintaxe e sintaxe, casos e funções sintática do latim.

Capítulo II: Análise dos substantivos e suas funções sintáticas dentro da língua portuguesa e latina utilizando os conceitos dos gramáticos estudados.

Para fundamentar o nosso trabalho foi fundamental a pesquisa bibliografica a partir dos estudos e teorias de autores como: Napoleão Mendes de Almeida (1911), e (2000) em que descreve sobre morfologia; Zélia de Almeida Cardoso (1997), em que a autora fala sobre a

história do latim e o sistema morfológico latino; Macambira (2001) e Coutinho (1976) onde os autores falam sobre os substantivos e suas funções dentre outros autores.

## CAPITULO I FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 1- História do latim

A língua portuguesa pertence ao grupo das línguas românicas, ou neolitanas, e teve sua origem no latim falado, levado para a Península Ibérica por volta do Séc. II a.c, como consequência das conquistas políticas do Império Romano.

Na origem do português, vemos que a romanização é consequência da força política de Roma no processo de expansão do seu império, e a fragmentação realiza-se no fracionamento da România, como decorrência das invasões bárbaras, no seccionamento das províncias e da perda progressiva do poder romano sobre as regiões conquistadas.

No início da era cristã, o império romano atingiu o apogeu de sua expansão. Com a expansão do império, os romanos impuseram sua cultura: língua, hábitos, valores a todos os povos conquistados. Esse foi um dos fatores decisivos da hegemonia política e cultural que garantiu a implantação do latim falado como língua geral. Nesse processo, os romanos receberam influências dos povos conquistados, principalmente os Gregos, tanto na língua literária como no padrão gramatical – a gramática grego-latina.

Para compreender a grande variedade do Latim, é preciso entender como era constituída a sociedade Romana.

A organização social de Roma compreendia uma classe aristocrática (os patrícios), elite conservadora caracterizada pela educação e por costumes refinados. Essa classe dos patrícios separava-se da classe dos plebeus, formada pela população rural, pelos estrangeiros e pelos escravos libertos. Eram classes sociais muito diversificadas, e as variadas modalidades

da língua dos romanos chegaram-nos sob as diversas denominações, sermo quotidianos, sermo urbanos, sermo plebeius, sermo militaris,. Sermo rusticus...Todas essas variedades se resumiam no inovador sermo vulgaris(ou latim vulgar, como é comumente chamado) a língua falada por todas as camadas da população.

Para Serafím da Silva Neto (1956, p.27) “ às variedade da língua falada chamaremos sermo usualis, latim corrente, latim coloquial- fugindo à expressão latim vulgar, que é muito defeituosa”.

Segundo Coutinho (1976, p.30), “chama-se latim vulgar o latim falado pelas classes inferiores da sociedade romana inicialmente e depois de todo o império”. Nestas classes estava compreendida a imensa multidão das pessoas incultas que eram de todo indiferentes às criações do espírito, que não tinha preocupações artísticas ou literárias, que encaravam a vida pelo lado prático, objetivamente. A estas pertenciam os soldados (milites), os marinheiros (nautae), os artífices (fabri), os agricultores (agricolae), os barbeiros (tonsores) etc..., homens livres e escravos, que se acotovelavam nas ruas, que se comprimiam nas praças, que freqüentavam o fórum, que superlotavam os teatros, a negócio ou em busca de diversão, toda essa gente que enfim, se passara pela escola, dela só conservara os conhecimentos mais necessários ao exercício da sua atividade. Para Coutinho “pode-se afirmar, com mais propriedade, que o português é o próprio latim modificado”. É lícito concluir, portanto, que o idioma falado pelo povo romano não morreu, como erradamente se assevera, mas continua a viver transformado, no grupo de língua românica ou novilatinas.

O confronto de raízes vocabulares existentes no Latim com raízes pertencentes a algumas das antigas línguas faladas na Índia, na Grécia, na Germânia e em outras regiões, bem como certa semelhança entre as estruturas gramaticais de tais línguas, permitiam aos estudiosos do assunto a hipótese da existência de uma língua primitiva que teria gerado esses idiomas deu-se o nome de “indo - europeu” a essa hipotética língua mãe.

Supõe-se que o indo-europeu foi falado por um povo que se dispersou, por razões até hoje desconhecida, alguns milênios antes de Cristo, espalhando-se pela Europa e pela Ásia. A dispersão do povo acarretou profundas modificações lingüísticas no idioma inicial uno.

O indo-europeu dividiu-se em numerosas línguas, cada uma das quais gerou posteriormente outros tantos idiomas. Segundo Cardoso (1997, p.6), “essas línguas foram agrupadas, pela proximidade lingüística, em diversos ramos: Itálico, Helênico, Céltico, Germânico, Báltico, Eslavo, Indo-Irânico e outros. Muitas dessas línguas acham-se hoje

extintas ou mortas, as remanescentes são faladas em grande parte do mundo ocidental e em algumas regiões do oriente.”

Durante longo período de tempo em que foi utilizado como língua viva, o Latim sofreu evidentes profundas transformações. Há grande diferença entre a língua dos primeiros documentos escritos e a dos textos dos tabeliões portugueses que no séc. XII de nossa era, ainda se utilizavam do antigo idioma. Há sensível dessemelhança entre o latim das obras literárias do séc. I a.c e as inscrições cristãs dos primeiros tempos e por essa razão costuma-se caracterizar o latim conforme a época e as circunstâncias em que foi usado.

Ainda segundo Cardoso (1997), a autora aponta o latim pré-histórico como língua dos primeiros habitantes do Lácio, o latim proto-histórico é o que aparece nos primeiros documentos da língua, latim arcaico manifesta-se em antigos textos literários, latim clássico é o que floresce a partir do segundo quartel do séc. I a.c, quando são compostas as grandes obras que marcam os momentos mais importantes da prosa e da poesia latina, o latim vulgar língua falada pelo povo, como toda língua oral, esteve sujeita a alterações determinadas por diversos fatores: épocas, delimitações geográficas, influências estrangeiras, nível cultural dos falantes etc... nunca foi uniforme, por fim o latim pós clássico é o que se encontra nas obras literárias compostas entre o séc. I e V de nossa era.

Com as invasões dos povos bárbaros e o esfacelamento do império romano, o latim perdeu sua unidade como língua, gerando inúmeros falares locais que se desenvolveriam em numerosos idiomas. A igreja fez do latim a sua língua oficial, sendo tal idioma obrigatório, até 196, tanto na redação de documentos eclesiástico como na realização de cultos e cerimônias religiosas.

Há interesse lingüístico pelo latim, sendo uma das mais antigas línguas indo-européias, da qual temos conhecimentos pela documentação escrita, oferece-nos a solução de numerosas indagações que se referem ao conhecimento das línguas, sendo por fim, a língua mãe dos chamados idiomas românicos (português, espanhol, catalão, provençal, francês, italiano, sardo e romeno), fornece-nos explicações para fenômenos aparentemente inexplicáveis de nosso idioma e das línguas irmãs do português.

A formação e a própria evolução da língua portuguesa contam com um elemento decisivo; o domínio romano, sem desprezar por completo a influencia das diversas línguas faladas na região antes do domínio romano sobre o Latim vulgar, o latim passou por

diversificações, dando origem a dialetos que se denominava romanço (falar a maneira dos romanos).

O Latim no Brasil hoje é disciplina de alguns cursos da área de ciências humanas, como a área de Letras, ou se encontra em faculdades de Direito ou é procurado por alunos de Filosofia e mais raramente por estudiosos de outras áreas. O latim era disciplina que, em várias regiões do Brasil era confiada aos padres, e trata de questões relativas á história da língua portuguesa, dentre elas as transformações fonológicas e morfológicas.

Embora o Latim seja hoje considerado uma língua morta, com poucos falantes fluentes e sem que ninguém o tenha por língua materna, ainda é empregado pela igreja católica. Exercendo uma enorme influência sobre diversas línguas vivas, ao servir de fonte vocabular para a ciência, o mundo acadêmico e o direito.

No dizer de Guimarães Rosa, “toda língua são rastros de velhos mistérios”, sobretudo para os que querem a “morte” do latim, cumpre afastar de vez “a pedra no meio do caminho” que torna tão desinteressante as aulas de português – a exigirem muito da memória e pouco levando á reflexão sobre a língua.

## 2. Morfologia

### 2.1 Noção da morfologia geral

Ulisses Infante (1996 p.29), “Morfologia é o estudo das formas da língua entendida como as palavras tomadas isoladamente e os elementos que as formam. Inclui a classificação, o estudo da estrutura, da formação e do mecanismo de flexão das palavras.” Começa aqui nossa primeira questão, que vamos entender por morfologia, a resposta não é muito simples.

Em consulta, no caso de morfologia podemos ver que o termo provém das formas gregas morphê, ‘forma’, e logos “estudo”, “tratado” assim a palavra morfologia significa, com base de seus elementos de origem, o “estudo da forma”.

### 2.2 Conceito básico

Observando as palavras escola, pré – escola, escolinha, escolar, escolaridade, subescolarizadas, escolarização. Percebemos que todas têm pelo menos um elemento comum entre si: a forma escol-. Além disso, percebemos que em todas elas há elementos



descartáveis, responsáveis pelo acréscimo de algum detalhe de significação. Compare, por exemplo, “escola” e “pré – escola”: partindo de “escola”, formou-se “pré- escola” pelo acréscimo do elemento descartável “pré”, que é capaz de transmitir o significado de “anterioridade”.

Cada um desses elementos formadores é capaz de fornecer alguma noção significativa à palavra que integra. Além disso, nenhum deles pode sofrer nova divisão. Estamos diante de unidade de significação mínimas, ou seja, elementos significativos indecomponíveis, a que damos o nome de morfemas.

Selecionando e comparando palavras que contêm alguma semelhança formal entre si, podemos fazer a apreensão dos elementos formadores dessas palavras. Esse trabalho nos mostra que as palavras são formadas por unidades mínimas de significado, os morfemas.

Observando as palavras que estão sendo analisadas, se percebe que todas elas apresentam um morfema comum: escol-. É esse morfema comum que faz com que as consideremos palavras de uma mesma família de significação. Ao morfema comum de uma família de palavras chamamos radical; às palavras que pertencem a uma mesma família chamamos de cognatos. O radical é a parte da palavra responsável pela sua significação principal. Usa-se o radical para designar o morfema que concentra a significação principal da palavra e que pode ser apreendida por meio de simples comparação entre palavras de uma mesma família.

Podemos ver que o morfema pré-, que surge pré – escola é capaz de acrescentar ao significado da palavra “escola” a idéia de anterioridade. Dessa forma, o acréscimo do morfema pré- cria uma nova palavra a partir de escola. A nova palavra formada tem o sentido de instituição educacional que precede a idade escolar. De maneira semelhante, ao acréscimo dos morfemas –inh-a á forma escol- criou a palavra escolinha, que significa escolas de pequenas dimensões.

Conforme Almeida (1911, p.80) para o autor “se observarmos todas as palavras que formam o nosso idioma, notaremos, quanto à idéia que encerra que se distribuem em dez grandes grupos, denominados classes. Classes são, pois, os diversos grupos em que estão distribuídas as palavras do idioma segundo a idéia que indicam.”

As classes se palavras são: substantivos, artigo, adjetivo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição.

### 2.3 Noções da morfologia latina

Segundo Cardoso (1997, p.18) “O sistema morfológico latino é bastante complexo” as palavras podem ser variáveis ou invariáveis, conforme sejam ou não passíveis de modificações em sua forma, pela presença de morfemas. São palavras variáveis os nomes (substantivo adjetivos, numerais e pronomes) e os verbos (não há artigo em latim). São invariáveis os advérbios, em sua grande parte, as preposições as conjunções, as interjeições (exceto as interjeições nominais) e os particulares (de interrogação sobretudo).

Para autora os nomes se flexionam assumindo formas diferentes conforme o caso gramatical em que esteja sendo empregado, o número e, na maioria das vezes, o gênero. Os verbos, além de apresentarem formas nominais quando se comportam como nomes, se flexionam quanto à voz, ao modo, ao tempo e a pessoa.

Como dito, em latim, a interação entre os níveis morfológicos e sintáticos da língua é muito maior do que em português. O final dos nomes varia não apenas em gênero e em número, mas também de acordo com as funções sintáticas que essas palavras desempenham na frase. Assim, para cada uma dessas funções os nomes em latim possuem um caso específico.

Portanto, dependendo da função sintática-núcleo do sujeito, predicativo do sujeito, adjunto adnominal restritivo, objeto direto etc.. As terminações das palavras variavam de acordo com seis casos latinos; Nominativo, Genitivo, Acusativo, Ablativo, Dativo, Vocativo.

De acordo com Lyons, (1969, p.289) a palavra caso, do latim *causus* “acidente, desvio, ato de cair” e em geral designa a variação morfológica na forma básica de um lexema, para indicar às funções sintáticas as desinências de caso podem definir muito.

Uma situação típica em que um mesmo caso pode cobrir mais de uma função sintática pode ser notada na Língua Portuguesa. Ex:

A mãe encontrou **as crianças** na escola

A mãe encontrou-**as** na escola.

A rica e complexa morfologia flexional dos nomes (substantivos e adjetivos) do latim passou por um violento processo de simplificação no latim falado do Império Romano.

Esse processo de mudança morfológico, que dentre outros fatores deve ter tido como um dos principais as mudanças fônicas que então ocorriam à perda do traço de quantidade da vogal, o enfraquecimento de consoantes finais são os mais evidentes, teve como consequência

fundamental, não apenas a simplificação da morfologia nominal latina, mas também a reestruturação da frase do latim para as línguas românicas.

Na língua latina encontramos um gênero a mais, que não existe em português: o gênero neutro. Para o início do nosso estudo tenhamos em mente os seguintes três gêneros em latim: masculino, feminino e neutro.

Em latim existe uma flexão a mais: a flexão de CASO. A flexão de caso consiste na alteração da desinência da palavra de acordo com a função sintática, ou seja, de acordo com a função que ela exerça na oração. Quer dizer que um substantivo, adjetivo ou pronome apresente desinências diferentes de acordo com o papel que estiver desempenhando na oração, a saber, sujeito, predicativo, objeto direto, objeto indireto, adjunto adverbial, etc.

## 2.4 O substantivo no latim e no português

### 2.4.1 As funções sintáticas do substantivo na língua latina e portuguesa

Os Substantivos são palavras que servem para designar os seres. Em todos os substantivos encontramos raízes significativas (às vezes difíceis de identificar por representarem o produto de longa evolução) e elementos que a elas se anexam, tais como prefixos, sufixos, vogais temáticas e de ligação, desinências. Existem em latim três categorias de gênero: masculino, feminino e neutro. No entanto, enquanto em algumas outras línguas o masculino e o feminino correspondem a seres sexuais e o neutro a seres assexuais, o mesmo não ocorre em latim.

Segundo Cardoso (1997 p.20), na língua latina são geralmente masculinos os substantivos que designam seres do sexo masculino e ofícios masculinos, mas também pertencem a esse gênero os nomes de rios, de ventos, de mares. Talvez esse fenômeno decorra de um antigo processo de animização de tais seres: personificando-se a elas, por uma razão ou por outra, a condição masculina.

São femininos os substantivos que designam seres femininos e também, talvez pelo mesmo processo de animização os nomes de árvores, de cidades e de ilhas. Algumas palavras apresentam oscilação de gênero: ora se apresentam como femininos, ora como masculinos. É o caso de dies(dia), por exemplo.

Ainda segundo Cardoso (1997, p.20) “o emprego do neutro não é lógico, em latim.” Alguns seres sexuados são designados por palavras neutras, como *scortum*(prostituta) ou *mancipium* (escravo). Os seres assexuados são designados indiferentemente por palavras masculinas, femininas ou neutras.

O latim distingue duas categorias de número: o singular e o plural. No indo-europeu havia uma terceira categoria o dual, número que servia para indicar o par, a dupla, e que perdura em algumas línguas, como por exemplo, o grego.

Como ocorre no português, há palavras em latim que só podem ser usadas no plural (*pluralia tantum*), tais como *nuptae* (núpcias), *castra* (acampamentos), *arma* (armamentos), e há outras cujo sentido se modifica conforme se apresentem no singular ou no plural: *littera* (letra) e *litterae* (carta), *copia* (abundância) e *copiae* (tropas), *fortuna* (sorte) e *fortunae* (bens, haveres).

A noção de caso gramatical é estranha ao português. Em latim, os nomes (substantivos, adjetivos e pronomes) assumem formas diferentes, contando para isso com desinências especiais, conforme o caso em que estejam, ou seja, conforme a função sintática que desempenham na frase e para iniciar o estudo do substantivo em latim é necessário analisar as cada caso.

São seis os casos latinos, a saber:

1. Nominativo: É o caso do sujeito e do predicativo do sujeito, bem como do adjunto adnominal do sujeito ou do predicativo, representado por adjetivo ou pronome. É também o caso em que se enuncia simplesmente um nome e por vezes, o da exclamação.

2. Vocativo: corresponde ao vocativo, em português. É o caso da interpelação e por vezes, o da exclamação.

3. Acusativo: É o caso específico do objeto direto, podendo também ser o caso dos adjuntos adverbiais introduzidos por preposições especiais, o da exclamação, o do sujeito e o do predicativo de orações infinitivas.

4. Genitivo: É o caso do complemento restritivo do nome (adjunto adnominal possessivo ou qualitativo, representado por substantivo), do complemento nominal de substantivo e do partitivo.

5. Dativo: É o caso especial do objeto indireto, podendo assumir funções relacionadas com o objeto indireto (dativo de interesse, de posse etc..)

6 Ablativo: É o dos adjuntos adverbiais não preposicionados ou regidos por preposições especiais, da agente da passiva, do complemento de comparação, do sujeito de participio em oração reduzidas (ablativo absoluto).

Conforme Cardoso (1997), como os nomes assumem formas especiais conforme o caso em que esteja para cada nome há um conjunto de forma que ele pode assumir. A esse conjunto se dá o nome de declinação. Declinar um nome é enunciar as suas formas, caso por caso.

Como os demais nomes, os substantivos, em latim, contam com desinências especiais que indicam o caso e o número em que estão sendo empregados, entende-se por desinência um morfema específico.

Em português, a mesma palavra pode assumir todas as funções possíveis, sem sofrer alterações quanto á forma. Tomemos por exemplo, a palavra menina e empreguemos essa palavra em diversas frases, nas quais ela assuma funções diferentes: “A menina é alta” (sujeito), “Vemos a menina” (objeto direto), “Dei uma bola á menina” (objeto indireto).

Em latim essas funções corresponderiam a casos diferentes, para as quais há desinências indicadoras. Teríamos então: Puella est alta (ou Puella alta est, uma vez que é comum o uso do verbo no fim da frase), puellam uidemus, Puellae pilam dedi. Puella, no primeiro exemplo, corresponde ao nominativo, puellam ao acusativo, puellae ao dativo.

Como se pode verificar, no nominativo a palavra puella não apresenta desinência (tem uma desinência de grau zero). Ao radical puell - apenas foi acrescentada a vogal temática, entendendo-se por vogal temática a que é justaposta ao radical de um substantivo, subordinando-o a um determinado grupo temático. No acusativo, além do radical e da vogal temática, temos a desinência - m e no dativo a desinência – e, que representa a evolução de um antigo – i.

As desinências não são sempre diferentes, de caso para caso. Há casos que apresentam, por razões de ordem fonética ou por convergência de formas, desinências iguais.

Vimos que os nomes latinos possuem um radical, que contém o seu significado básico, no qual existe uma raiz significativa a que podem ser acrescentados prefixos ou sufixos. A esse radical podem unir-se vogais temáticas (vogais que determinam o grupo, ou “declinação”, do substantivo) havendo, entretanto, muitas palavras que não apresentam essa vogal. Deveríamos ter, portanto, seis grupos ou “declinações” de substantivos: os que apresentam vogais temáticas a, o, i, u, e os que não apresentam vogal temática. Acontece que

esses últimos foram incluídos, como uma espécie de subgrupo, entre os substantivos que tem vogal temática – i. Temos assim cinco grupos de substantivos, ou seja, cinco declinações paradigmáticas.

Reconhece as declinações de um substantivo pela forma que ele assume no genitivo singular, pois é esse o único caso em que a terminação do substantivo é diferente de grupo para grupo. E aqui convém assinalar que terminação não se identifica com desinência. Por terminação entende-se a parte final da palavra, aposta ao radical, podendo englobar vogal temática, vogal de ligação, conforme o caso, e desinência.

Por ser o genitivo singular um caso diferencial, são os substantivos enunciados no nominativo e no genitivo singular. Ex: filia, filiae ou filia, ae; dominus, domini ou dominus, i; ciuis ou ciuis, is (cidadão); domus, domus ou domus, us (casa); dies, diei ou dies, ei. As terminações do genitivo singular indicam do substantivo (-ae: primeira declinação; i: segunda; is: terceira; us: quarta; ei: quinta).

#### Primeira declinação:

À primeira declinação correspondem os substantivos de tema em –a. São na maioria, substantivos femininos: puella, ae; filia, ae; regina, ae. São masculinos os nomes de profissão comuns a pessoas do sexo masculino, tais como nauta, ae (marinheiro), auriga, ae (cocheiro), os nomes de pessoas do sexo masculino, como Galba, ae (Galba) e os substantivos formados com o auxílio dos sufixos cola e gena: agrícola, ae (agricultor), íncola, ae (habitante), indígena, ae (indígena).

#### Segunda declinação:

À segunda declinação pertencem os substantivos de tema –o. São masculinos, em sua grande maioria: lupus, i, puer, i (menino), magister, tri (professor), uir, i (varão homem). São femininos os nomes de árvores: pirus, i (pereira), malus, i (macieira). São neutros os substantivos que têm o nominativo singular em –um, como templum, i (mar), uirus, i (veneno) e uulgus, i (povo, multidão).

A vogal temática 0, que caracteriza a segunda declinação, sofre numerosas alterações fonéticas pela proximidade de outros fonemas. Por essa razão, só se mantém em seu estado original nas terminações do dativo e do ablativo singular (o), do acusativo plural (os) e do genitivo plural (orum).

Os substantivos neutros da 2ª declinação se flexionam como bellum, i: no singular (bellum, belli, bello, bellum, bellum, bello), no plural (belle, bellorum, bellis, bella, bella, bellis).

#### Terceira declinação

Segundo Cardoso (1997), “é sem dúvida, a que oferece maior complexidade”, uma vez que são classificadas como terceira declinação os substantivos de tema em – i e os que não apresentam vogal temática, bem como alguns substantivos de tema em – u e –ou, tais como sus (porco) ou bos, de provável origem dialetal. Além disso, há na terceira declinação palavras sofreram tratamento especial, como Iuppiter (Júpiter) ou uis (força), palavras com duplo radical, como senex, senis (ancião), e nomes gregos.

Tanto as palavras de tema em – i como as que não apresentam vogal temática podem ser, conforme o caso, masculinas, femininas ou neutras.

Os neutros declinam-se como tempus, temporis: no singular (tempus, temporis, tempori, tempus, tempus, tempore), no plural (tempora, temporum, tempóribus, tempora, tempora, temporibus)

#### Quarta declinação:

Comparada com a terceira, a quarta declinação é bastante simples. A ela correspondem os substantivos masculinos, femininos e neutros de tema em –u, com exceção de sus e gurs, antes mencionados. As desinências, tanto das palavras masculinas e femininas como das neutras são idênticas às das palavras de tema em –i. Podendo, pois, traçar os quadros das terminações.

A única observação importante diz respeito ao dativo/ablativo plural. A desinência –bus aposta á vogal temática -u faz com que essa passe a pertencer a uma sílaba interior da palavra. O –u temático, por ser breve, passa a –i, num fenômeno fonético usual em latim. Plavras como manus, us (mão), fructus, us (fruto) têm o dativo/ablativo plural em ibus: manibus, fructibus. Merece uma observação especial, entre os substantivos de quarta declinação a palavra domus, us, que ao lado de apresentar as terminações próprias das palavras de sua categoria pode também assumir as terminações da segunda declinação.

#### Quinta declinação:

É a mais simples de todas e a mais pobre em número de vocábulos. A ela correspondem os substantivos de tema em –e. São palavras femininas, predominantemente.

São masculinos apenas os substantivos *dies*, *ei* e *meridies*, *ei* (meio-dia). *Dies*, entretanto, é feminino quando significa “dia marcado”.

As desinências da quinta declinação são, em parte, as da primeira e, em parte, as da terceira declinação.

Na língua Portuguesa Macambira (2001, p.34), em “A Estrutura Morfo-Sintática do Português” qualifica o substantivo sob o aspecto sintático e semântico. Sob o aspecto sintático o autor aponta que, pertence à classe do substantivo toda palavra que se deixa preceder por artigo ou pronome adjetivo, especialmente possessivo, demonstrativo ou indefinido.

- a) artigo: o aluno, um aluno, a casa, uma casa;
- b) pronome possessivo: meu filho, minha filha;
- c) pronome demonstrativo: este caderno, esta sala;
- d) pronome indefinido: todo dia, cada vez, pouca gente.

Segundo o referido autor, o artigo e os pronomes têm o nome de function words, que se podia traduzir por palavras por palavras fúntivas ou apenas fúntores, elementos que geralmente pouco ou nada contribuem para a significação, mas que têm grande importância como índices estruturais.

Já sob o aspecto semântico o autor aponta que o substantivo é a palavra que serve para designar os seres. Esta definição tem o seu valor para os seres concretos como o cavalo e o jumento, a casa e a floresta; para os seres abstratos, como a esperança, o nada e o infinito, é sem dúvida pouco proveitosa.

Acrescenta-se que toda e qualquer palavra pode ser usada como substantivo, e, portanto, ser considerada como um ser; o sim, o não, o amanhã, o se, o talvez, o, mas, o quando e todos os termos que se acham no léxico.

O Joãozinho perguntou se nada era substantivo, e teve como resposta que sim. “O nada é um ser”, disse o mestre de português. “É antes um não-ser”, retrucou-lhe Joãozinho. “É um ser negativo” esclareceu-lhe o professor. A esta altura seria necessário evocar o espírito de um grande filósofo para resolver um problema de português.

Segundo Almeida (1911, p.80) “substantivo é, pois, como o próprio nome está a indicar, toda a palavra que especifica substância, ou seja, coisa que possua existência, ou animada (homem, cachorro, laranjeira) ou inanimada (casa, lápis, pedra, quer real (sol, automóvel) quer imaginária (júpiter, sereia), quer concreta (casa), quer abstrata (pureza)”.



Para Ulisses Infante (1996 p.223) “substantivo é a palavra que nomeia os seres. Os conceitos de seres devem incluir os nomes de pessoas, de lugares, de instituições, de grupos, de indivíduos ou entes maravilhosos: mulher, Maria, Brasil, Teresina, sociedade, senado, cidade, comunidade, vegetação, paineira, cavalo, cidadão, sereia, saci. Além disso, deve incluir os nomes de ações, estados, qualidades, sensações, sentimentos, acontecimentos, correria, o encontro, miséria, honestidade, integridade, amor, liberdade, cidadania..”

Nas orações da língua portuguesa, o substantivo normalmente exerce funções diretamente relacionadas com o verbo: atua como núcleo do sujeito, dos complementos verbais (objeto direto ou indireto) e do agente da passiva. Pode ainda funcionar como núcleo do complemento nominal ou do aposto, como núcleo do predicativo do sujeito ou do objeto ou como núcleo do vocativo.

Ouçamos o que pensa Bloomfield:

“A gramática escolar nos ensina que substantivo é a palavra que serve para dar o nome a pessoa, um lugar ou coisa. Esta definição pressupõe mais saber filosófico e científico do que a raça humana pode assimilar, e, além disso, que as classes existentes em uma língua concordam com as classificações que seriam feitas por um filósofo ou um cientista. Fogo, por exemplo, é uma coisa? Por cerca de um século, os físicos, acreditaram que fosse uma ação ou um processo, e não propriamente, uma coisa. Nossa língua emprega o adjetivo hot (quente), o substantivo heat (calor) e o verbo to heat (aquecer) para designar o que os físicos acreditam ser o movimento de moléculas em um corpo” (1933, p.266).

De acordo com Sacconi (1994, p.107), o substantivo pode ser:

- a) Comum (refere-se a todos os seres da mesma espécie) ou próprio (refere-se a um só indivíduo da espécie). Ex: cidade-comum, Salvador-próprio.
- b) Simples (formado por um só radical) ou composto (formado por mais de um radical). Ex: flor (simples); couve-flor (composto).
- c) primitivo (dá origem a outros substantivos) ou derivado (origina-se de outro substantivo, o primitivo). Ex: carro (primitivo), ou carroça (derivado).
- d) concreto (ser de existência independente, real ou não) ou abstrato (ser de existência dependente, isto é, que não existe no mundo exterior, mas apenas em nossa consciência). Ex: casa, lua, Deus, alma, fada, bruxa (concretos); felicidade, justiça, amor, saudade, casamento, coragem, viuvez (abstratos).

Entre os substantivos comuns se encontram os coletivos, que, embora estejam no singular, indicam vários seres da mesma espécie.

Ao utilizarmos à língua falada ou escrita, selecionamos as palavras, ou seja, escolhemos entre as classes de palavras existentes aquelas que são mais adequadas ao que desejamos comunicar. Podemos combinar as palavras de acordo com a função que queremos dar a cada uma delas.

Quando analisamos a que classe gramatical pertence às palavras de determinada frase, estamos realizando sua análise morfológica. A morfologia é a parte da gramática que estuda a classificação, estrutura, formação e flexão das palavras, observando-as isoladamente.

Quando dividimos uma oração em partes para estudar as diferentes funções que as palavras podem desempenhar na oração e entre as orações de um texto, estamos realizando uma análise sintática. A parte da gramática que estuda as reações e combinações existentes entre as palavras de um enunciado recebe o nome de sintaxe.

## 2.5 Morfossintaxe e sintaxe

Morfossintaxe é a apreciação conjunta da classificação morfológica e da função sintática das palavras nas orações. Trata de classe das palavras, emprego de pronomes, relação entre as palavras, concordância verbal e nominal, oração e período, termos da oração, classificação de orações, vozes do verbo e colocação de pronome.

"Morfo" provém de forma, ou seja, a formação das palavras. Dentro da morfologia estão verbos, adjetivos, artigos, pronomes, advérbios. "Sintaxe" estuda os termos acessórios como os sujeitos, predicados, adjuntos adnomiais, objetos direto e indireto. A morfossintaxe então é a união dos dois contextos de estudo da língua portuguesa.

Na língua Portuguesa os substantivos podem desempenhar diferentes papéis dentro do contexto frasal e textual em que aparecem, dependendo não somente da posição em que se encontram, mas principalmente das relações que mantêm com os demais termos das orações. Assim o substantivo apresenta desinências diferentes de acordo com o papel que estiver desempenhando na oração, a saber, sujeito, predicativo, objeto direto, objeto indireto, adjunto adverbial, etc.

### 1- Sujeito da oração

Quando um substantivo está na posição de sujeito, significa que ele é o termo (que pode ser pessoa, animal, lugar, coisa, ou idéia) sobre o qual o restante da oração diz algo. Para localizar o sujeito, é preciso antes identificar o verbo e perguntar-se que termo desempenha a ação desse verbo. Uma vez que localizado esse termo, teremos localizado o sujeito da oração. Ex: A garota riu histericamente. Assim fazemos a pergunta quem riu histericamente, logo acharemos o sujeito da oração à garota.

Segundo Almeida (1911 p.411), pode, no entanto, o sujeito deixar de ser constituído de substantivo essencial, isto é, de palavra, frase ou oração, que tenha igual força de substantivo. Podem ainda, funcionar como sujeito:

A- Um pronome: Ele é estudioso

B - Qualquer palavra substantivada: O amanhecer do trabalho há de antecipar-se ao amanhecer do dia

C- Uma frase de sentido incompleto: Trabalho e honra deve ser lema de todos nós

D- Uma oração: É bom que ele vá ao Rio

Como o sujeito é a pessoa ou coisa sobre a qual se faz uma declaração fica claro que deve ser constituído por um substantivo, ou qualquer palavra, frase ou oração que tenha força de substantivo.

## 2- Predicativo do sujeito

Um predicativo do sujeito é o termo que atribui características ao sujeito por meio do verbo de ligação. Ex: Meu irmão é a criança mais divertida do mundo.

Podemos confirmar se um substantivo exerce a função sintática de predicativo do sujeito trocando-o de lugar com o sujeito. Se a oração continuar fazendo sentido, o substantivo em questão será um predicativo do sujeito.

## 3-Objeto Direto

O substantivo com a função sintática de objeto direto é a pessoa, animal, lugar, coisa ou idéia (substantivo abstrato) que completa o sentido do verbo, “recebe” a ação do verbo, ligando-se a ele sem precisar do auxílio de preposição. Ex: Elas viram Nancy sozinha no cinema. Que ou quem foi visto por elas? Nancy. Portanto, Nancy é o objeto direto do verbo.

## 4 - Objeto Indireto

É o nome que exerce a função de objeto indireto em relação ao verbo da oração principal. Ex: Não gosto de que você saia a noite.

#### 5 - Complemento Nominal

É o nome que exerce a função de complemento nominal. Ex: As vezes você tem dúvida de que seus amigos sejam boas companhias.

#### 6 - Agente da Passiva

Lembre-se de que na voz passiva o sujeito sofre a ação verbal sendo chamado sujeito paciente. O termo que indica o praticante da ação na voz passiva é chamado agente da passiva. Essa é como você pode observar outra função substantiva na oração. Ex: homens são considerados inconstantes pelas mães.

#### 7 - Predicativo do objeto

O substantivo com a função sintática de predicativo do objeto é aquele que completa o significado do objeto direto. Ele é utilizado quando o objeto direto não faria sentido total sozinho. Ex: O país elegeu Lincoln presidente. Presidente é o predicativo do objeto, sem esse substantivo, haveria informações faltando, não saberíamos para que cargo tinha sido eleito.

#### 8- Objeto indireto com preposição

O objeto indireto com preposição é o termo que completa o sentido de um verbo de forma indireta, estando sempre regido de preposição clara e expressa na oração. Ex: Eu dei um presente a Paul.

#### 9- Objeto indireto sem preposição

Ao assumir a função de núcleo (palavra principal) de um objeto indireto, o substantivo será o termo que irá “receber”, complementar a ação do verbo de forma indireta. No entanto, diferentemente do que acontece no português, o objeto indireto pode ocorrer sem a preposição expressa no seu início, estando ela subtendida na oração. É o que acontece nas seguintes orações. Ex: Eu dei a Paul um presente.

#### 10- Adjunto adverbial com preposição

Quando exercendo a função sintática de adjunto adverbial, o substantivo indicará uma circunstância a qual poderá expressar idéia de tempo, lugar, modo, causa, finalidade, etc. O adjunto adverbial é o termo que modifica o sentido de um verbo, de um adjetivo ou de um advérbio. Observe as frases abaixo, em que o substantivo é o núcleo do adjunto adverbial com preposição. Ex: Irei para a cama daqui uma hora.

#### 11- Aposto

O substantivo na função sintática de aposto é o termo que se junta a outro de valor substantivo, ou para explicá-lo, ou especifico melhor, dando mais informações sobre aquele substantivo. Vem separado dos demais termos da oração por uma ou duas vírgulas. Ex: O zelador da escola, Sr. Forest, ligou os aquecedores.

#### 12-Vocativo

Vocativo é o termo que não possui relação sintática com outro termo da oração. Não pertence, portanto, nem ao sujeito nem ao predicado. Serve para chamar, invocar ou interpretar um ouvinte real ou hipotético.

#### RELEMBRANDO

Sujeito - EU sonhei com você

Predicativo do Sujeito - Eu sou SONHADOR

Predicativo do objeto - Consideram-me LOUCO

Objeto Direto - Leram TEXTOS

Objeto Indireto - Acreditaram em POESIAS

Complemento Nominal - Tinham INVEJA

Agente da Passiva - Meu sonho foi tomado por INTRUSOS

Aposto - Você, A VÍTIMA dessa trama

Adjunto Adverbial - Ficamos juntos na CAMA

Vocativo - INVASORES! Saiam do meu sonho!

Adjunto Adnominal - Realizem um trabalho de CUPIDO antes que eu perca a fama.

### 2.5.1 Caso e função sintática do latim

O Latim é uma língua sintética. Sua sintaxe pertence ao grupo das línguas de declinação. E difere da sintaxe do Português, língua analítica. A função sintática dos nomes no Português é indicada, geralmente, pela posição (rígida) que o nome ocupa na frase ou por uma preposição.

São seis as funções sintáticas que uma palavra pode exercer em uma oração. É bom saber que oração (ou proposição) é uma ou mais palavras que têm sentido completo. Ela é formada por elementos que vêm a ser as funções sintáticas.

Para cada função sintática há, em latim, um caso. Caso é o modo de se escrever uma palavra de acordo com sua função sintática. Como vimos anteriormente a seis casos em latim, pois são seis as funções. Numa oração, podem-se encontrar seis elementos.

Os romanos mataram os inimigos na luta. (sujeito + verbo + objeto direto + adjunto adverbial). As terminações nominais variam apenas em gênero e número. A posição dos sintagmas é que determina sua função sintática. É diferente dizer *Os* inimigos mataram os romanos na luta.

Em Latim, as terminações nominais expressam além do gênero e do número também as funções sintáticas, o que permite que a posição dos nomes na frase seja, muitas vezes, totalmente livre.

**Romani** pugna necauerunt inimicos. (sujeito + adj. adv. + verbo + o.d.) =

Romani inimicos pugna necauerunt. (sujeito + o.d. + adj. adv. + verbo) =

**Pugna inimicos romani** necauerunt. (adj. adv. + o.d. + sujeito + verbo) =  
**Inimicos pugna** necauerunt **romani**. (o.d. + adj. adv. + verbo + sujeito) =  
**Necauerunt pugna romani inimicos**. (verbo + adj. adv. + sujeito + o.d.) =  
**Necauerunt inimicos pugna romani**. (verbo + o.d. + adj. adv. + sujeito).

O oposto seria:

**Inimici pugna romanos** necauerunt. Os inimigos, na luta, mataram os romanos.

Diferenciamos então, sob um aspecto, o Português do Latim atribuindo ao primeiro, funções sintáticas e ao segundo *casos*. No primeiro o nome mantém sempre a mesma forma em todas as funções sintáticas, no segundo o nome apresenta formas variadas, chamadas de *casos*, denominação oriunda do vocábulo grego *ptosis* que denotava as diferentes relações em que pode se encontrar uma palavra.

Oscarino da Silva Ivo (1978, P.76), classifica os casos em seis tipos:

- Nominativo - sujeito, predicativo do sujeito
- Genitivo - adjunto adnominal (restritivo)
- Acusativo - objeto direto
- Dativo - objeto indireto; complemento nominal
- Ablativo - adjunto adverbial
- Vocativo – vocativo

Segundo o referido autor “O mesmo caso pode servir de mais de uma função sintática, da mesma forma que uma mesma função pode ser construída com casos diferentes”

## CAPITULO II

### Análise da ocorrência

A análise sintática é um elemento fundamental para a leitura de um texto latino, isso porque a forma das palavras (substantivos, adjetivos, pronomes e numerais) indica a função sintática que elas ocupam e vice-versa. Em latim, a função sintática de um nome não depende de sua posição na frase, como em português.

Nas orações de língua portuguesa, o substantivo em geral exerce funções diretamente relacionadas com o verbo: atua como núcleo do sujeito, dos complementos verbais (objeto direto ou indireto) e do agente da passiva. Pode ainda funcionar como núcleo do complemento nominal ou do aposto, como núcleo do predicativo do sujeito ou do objeto ou como núcleo do vocativo. Também encontramos substantivos como núcleos de adjuntos adnominais e de adjuntos adverbiais - quando essas funções são desempenhadas por grupos de palavras.



De acordo com Almeida (2000, p.14), Uma vez que em latim existem seis funções, ou seja, seis casos, uma palavra em latim pode ser escrita de seis maneiras diferentes, como é o caso do substantivo analisado neste trabalho.

Como Vimos anteriormente os casos se distinguem pela terminação. Assim como em português a mesma palavra tem terminação diferente para indicar o plural e o feminino, em latim a mesma palavra tem terminação diferente para indicar a função que exerce na oração. Se a palavra exerce a função de sujeito, termina de uma maneira, se exerce a função de objeto direto, termina de outra maneira, e assim por diante para as seis funções.

A análise dos termos da oração indica em que caso está a palavra, justamente no fato de o latim obrigar-nos a analisar, a pensar, é que está a sua importância e proveito para a nossa inteligência, educando-nos, instruindo-nos, desenvolvendo nossa capacidade de análise científica, de concentração e de atenção. Do ponto de vista morfossintática, o latim era, ao contrário das línguas românicas, uma língua sintética, na qual as diferentes categorias semânticas e sintáticas se exprimiam preferencialmente pela flexão, nominal e verbal. As informações de gênero, número, pessoa, tempo, modo, aspecto, as categorias de sujeito, objeto, complemento eram traduzidas pelas terminações das formas verbais e dos nomes, adjetivos e pronomes. Em virtude de evoluções fonéticas que afetaram consoantes finais e em virtude de evoluções fonológicas que modificaram a pertinência da quantidade vocálica enquanto traço distintivo, toda a arquitetura sintética da morfossintaxe latina deu lugar a aspectos analíticos que afloram sobretudo ao nível da ordem de palavras e no enriquecimento de classes gramaticais. No português, manteve-se, contudo majoritariamente sintética.

Nas orações abaixo, atente para as diferentes funções sintáticas do substantivo estrela:

a- A **estrela** brilha no céu - núcleo do sujeito.

**Stella** in caelo fulget

Segundo Almeida (2000, p.15), “cada caso latino tem nome especial”. Nós já sabemos o que vem a ser função de sujeito, pois bem, o caso que indica a função do sujeito chama-se nominativo.

Quer isso dizer que, no traduzir uma oração do português para o latim, o sujeito deve ir para o nominativo, e vice-versa, quando numa oração latina, nós encontramos uma palavra

no nominativo, é sinal de que ela está desempenhando a função de sujeito da oração ou de que a ele se refere.

b - O brilho da **estrela** era grande – adjunto adnominal restritivo.

Fulgar **stellae** magnus erat

Adjunto Adnominal Restritivo é o complemento que restringe um nome. Analisamos a frase “o brilho da estrela”, o brilho podia ser do sol, da lua, mas dizendo o brilho da lua nós restringimos a palavra o brilho. Portanto, da estrela, ao mesmo tempo em que completa o sentido da palavra brilho, está restringindo esta especificando essa palavra. O adjunto adnominal restritivo em português corresponde em latim ao caso **genitivo**. Se o adjunto adnominal restritivo em português vem sempre com a preposição de, acontece também que uma palavra que em latim está no genitivo sempre se traduz com a preposição de. Por outras palavras, se a palavra “estrela” está em latim no caso genitivo, nós devemos traduzi-la em português por “da estrela”, e se em português encontramos a frase “da estrela” devemos pô-la em latim no genitivo.

c- Vimos uma **estrela** no céu – núcleo do objeto direto.

**Stellam** in caelo videmus

O latim costuma colocar o objeto direto, isto é, o acusativo, antes do verbo. Não devemos traduzir “estrela no céu vimos” devemos colocar em português como costuma ser colocado “vimos uma estrela no céu” pondo o objeto depois do verbo. Essa ordem é porque é próprio das línguas sintéticas, isto é, das línguas que possuem flexões de caso, colocar o complemento antes da palavra completada.

d- Um brilho especial existe nessa **estrela** – núcleo do adjunto adverbial.

Ipeciarius fulgar in ista **stella** est

Se na oração “Um brilho especial existe” (de sentido perfeitamente completo, pois o verbo é intransitivo, e como tal, nenhum complemento pede) acrescentamos uma circunstancia ou idéia acessória dizendo, “por exemplo, um brilho especial nessa estrela”, nessa estrela constituirá um adjunto adverbial. Não é possível dar-lhe uma correspondência exata em português, mas para a norma geral, adota-se a preposição, para traduzir o ablativo e vice-versa quando em uma frase portuguesa uma palavra vem antecedida dessa preposição traduz-se em latim pelo ablativo.

f- Os antigos deram àquela **estrela** um nome ilustre – núcleo do objeto indireto.

Antiqui vocabulum illi **stellae** davernt

O caso que em latim represente a função de objeto indireto é o **dativo**. Geralmente, o objeto indireto, em português, vem antecedido ou da preposição **a** ou da preposição **para**. Assim como em português vem geralmente antecedido da preposição **a** ou **para**, o dativo latino deve ser traduzido em português com essas preposições. Por outras palavras, se para traduzir o objeto indireto “àquela estrela” emprega-se em latim o dativo, é sinal de que esse nome, se em latim estiver no dativo, deverá ser traduzido com a preposição **a**, **para** ou **àquela**, ficando “àquela estrela”.

g- Bela **estrela** ilumina o meu caminho! – núcleo do vocativo.

Pulchra **stella**, ilumina mean viam

Como sabemos a função do vocativo é indicar apelo, chamado. Quando nós chamamos a atenção de alguma pessoa ou de alguma coisa, recorremos sempre ao vocativo.

O caso que em latim indica a função de vocativo chama-se vocativo (do latim *vocare*=chamar)

Em latim, essas diferentes funções estarão representadas na palavra “estrela” que variará em cada uma dessas frases, através das flexões de caso, o que não ocorre em português, visto que, apesar das diferentes funções, escrevemos a palavra “estrela” da mesma maneira.

Ao contrário do português, as desinências latinas acumulam funções, pois cada desinência em latim indica, ao mesmo tempo, o caso, o número e o gênero de uma determinada palavra.

Na língua Portuguesa os substantivos podem desempenhar diferentes papéis dentro da frase em que aparecem, dependendo não somente da posição em que se encontram, mas principalmente das relações que mantêm com os demais termos das orações.

Assim o substantivo apresenta desinências diferentes de acordo com o papel que estiver desempenhando na oração, a saber, sujeito, predicativo, objeto direto, objeto indireto, adjunto adverbial, etc no português e em latim nominativo, vacativo, ganitivo, dativo, ablativo, acusativo.

Tomemos ainda, por exemplo:

## 1 - NOMINATIVO – SUJEITO DA ORAÇÃO

**A menina** canta

Sujeito      predicado

A palavra menina em latim é puella, e pode apresentar as seguintes flexões: puella, puellae, puellarum, puellis, puellam, puellas. No exemplo acima, menina é o sujeito da oração; portanto, entre todas as formas possíveis para essa palavra, escolheremos a do nominativo singular, puella.

**Puella** cantat

## 2-ACUSATIVO – O OBJETO DIRETO

O acusativo é por excelência, o caso do complemento verbal denominado em português objeto direto.

Os verbos de predicação completa tendo sentido completo, não exigem nenhum tipo de complemento. Ex: O pássaro voa, o ladrão fugiu, pedro morreu. A ação expressa pelo verbo, ou seja, o predicado concentra-se toda no verbo, sem necessidade de nenhum complemento. A oração se constitui apenas de dois termos, o sujeito e o verbo. Esses verbos de predicação completa também são chamados de intransitivos.

Já os verbos de predicação incompleta são verbos que, tendo sentido incompleto exigem um complemento, um termo que lhe complete o sentido. Imagine que eu diga, por exemplo, “ele perdeu”, é preciso, para que a oração tenha sentido completo, que eu declare “o que” ele perdeu: ele perdeu a carteira, ele perdeu os óculos, etc.

Pedro ama **Maria**:

Sujeito      objeto direto

Em português sabemos que, Pedro é o sujeito da oração e ama Maria, o predicado. Nesse predicado identificamos o verbo ama (amar) como um verbo que pede obrigatoriamente um complemento, pois quem ama, ama alguém ou alguma coisa; temos então em Maria o complemento do verbo, que nesse caso chama-se objeto direto.

Analisando em latim o nome Pedro- Petrus receberá a desinência própria do sujeito ao passo que Maria- Maria recebera a desinência do objeto direto- Mariam:

Petrus\_ **Mariam** amat

Sujeito objeto direto

Ex:

Estáfila ama **Fedra**

Staphyla **Phaedram** amat.

### 3 - OBJETO INDIRETO: DATIVO

Maria deu o livro **a Pedro**

Sujeito objeto direto objeto indireto

Feita a análise sintática saberemos que Maria é o sujeito e livro é objeto direto. Mas essa oração apresente um outro complemento do verbo; como quem dá, dá alguma coisa (objeto direto) a alguém, temos aqui outro tipo de objeto o objeto indireto.

O objeto indireto em latim é chamado de caso dativo. Vamos agora montar a frase, a palavra livro em latim é liber, mas na forma do objeto direto, ou seja, no acusativo, fica librum. O nome Pedro, é Petrus; se petrus for objeto direto, ou seja, acusativo, aparecerá como Petrum, na oração Petrus é objeto indireto, dativo, aparecerá sob a forma de Petro assim:

Maria\_ **Petro** librum dedit

sujeito objeto indireto objeto direto

Ex: Fedra dá a rosa **à escrava**

Phaedra **servae** rosam dat.

Nesses exemplos podemos ver claramente o que queremos analisar no trabalho apresentado, que é mostrar o quanto à língua portuguesa, apesar de passar por várias transformações ainda herda do latim certa semelhança tanto na fônica quanto na escrita. Assim podemos analisar que alguns nomes pouco mudaram de uma língua para a outra.

### 4-APOSTO

Há uma cidade: **Roma**.

aposto

Nas frases anteriores, usamos uma ordem de palavras incomum em latim. Esta, porém, é comum, e constitui um caso especial. Quando o verbo *sum* aparece na terceira pessoa, no começo de uma oração, significa "há, existe". Então, no caso, "há". O que há? uma cidade.. E Roma. Aqui ela está numa função sintática semelhante ao predicativo: o aposto.

Um aposto é uma explicação, uma caracterização de alguma outra palavra. Neste exemplo: "Há uma cidade: Roma".

- Est urbs: **Roma**.

EX:**Jesus**, salvador dos homens, é o filho de Deus

aposto

Segundo Almeida (2000, p.132), podemos definir o aposto: palavra ou frase que explica um ou vários termos expressos na oração. Devemos observar que o aposto, quando vem depois do fundamental, isto é, depois da palavra modificada, aparece, tanto em português como em latim, entre vírgulas.

**Jesum**, hominum servatorim, adoro

aposto

O aposto deve ir para o mesmo caso do fundamental, ou seja, o aposto concorda em caso com a palavra a que se refere

## 5 - AGENTE DA PASSIVA: VOZ PASSIVA

Estamos vendo agora um caso em que o substantivo sofre a ação em vez de praticar. Pois bem, quando o substantivo recebe, sofre a ação do verbo, o verbo está na voz passiva.

Ex:

O filho é amado pela **mãe**

Filius amatur a **matre**.

#### 6- ADJUNTO ADVERBIAL: ABLATIVO

**Por covardia** da rainha

Adjunto ad. de causa

Em português costuma vir acompanhado da preposição por ( por descuido, por culpa) nenhuma preposição traz em latim; as palavras que indicam a causa, o motivo de uma coisa vão em latim para o ablativo, sem nenhuma preposição.

Ignavia **reginae**

**Ex:**

Anda com a **amiga**

Cum **amica** ambulat.

Exposição resumida de alguns Adjuntos Adverbiais:

- 1- Adjunto Adverbial de lugar ONDE: in com ablativo: estou na cidade= sum IN URBEBE
- 2- Adjunto Adverbial de companhia: cum e ablativo: passeio com amigos= ambulo CUM AMICIS
- 3- Adjunto Adverbial INSTRUMENTO ou MEIO: ferir com espada= ferire GLADIO.

Segundo Almeida(2000, p.196), O adjunto Adverbial de lugar onde, coisa também já vista, constrói-se com a preposição in o ablativo:

Na cidade: in urbe

No jardim: in horto

Na Espanha: in Hispania

## 7 - PREDICATIVO DO SUJEITO

Os homens são **a defesas** da pátria

Viri sunt **praesidium** patriae

Na Gramática, Predicativo é o termo da oração que atribui uma característica, uma propriedade, um estado ao sujeito. É o termo ou expressão que complementa o sujeito, conferindo-lhe ou um atributo ou uma referência.

O predicativo do sujeito apresenta duas características básicas:

- Acompanha o verbo de ligação;
- Pertence ao predicado nominal

O predicativo pode ser:

- a) do sujeito;
- b) do objeto direto;
- c) do objeto indireto.

## 8 - ADJUNTO ADNOMINAL: GENITIVO

A amiga de **Estáfila** ainda é escrava

Amica **Staphylae** etiam serva est.

Napoleão (1911, p.431), “chama-se adjunto adnominal toda a palavra ou expressão que junto de um substantivo, modifica-lhe a significação”, o adjunto é quem especifica que restringe a coisa; assim dizendo “amiga de Estáfila”; a amiga poderia ser de João, de Antônio, de José, mas nós, dizendo “amiga de Estáfila”, especificamos, restringimos a idéia de amiga. Esse adjunto que sempre se compõe da preposição **de**, tem função especificativa, e, no mais, das vezes, indica posse.

Casa de João

Pena de caneta

Pintura da parede

Casa de tijolo

## 9-VOCATIVO



**Senhor**, por que louvas as alunas?

**Domine**, cur laudas discipulas?

Vocativo é um termo que não possui relação sintática com outro termo da oração. Não pertence, portanto, nem ao sujeito nem ao predicado. É o termo que serve para chamar, invocar ou interpelar um ouvinte real ou hipotético. Por seu caráter, geralmente se relaciona à segunda pessoa do discurso.

Dentro da sintaxe, o vocativo é um termo de natureza exclamativa, que tem como função chamar alguém ou alguma coisa personificada, isolada entre duas vírgulas que podem se encontrar no começo, meio ou fim da frase ou oração.

A análise dessas frases, mostra-nos claramente com base nas teorias, que na língua Portuguesa os substantivos podem desempenhar diferentes papéis dentro da frase em que aparecem, desempenhando na oração o papel de sujeito, predicativo, objeto direto, objeto indireto, adjunto adverbial, etc dependendo não somente da posição em que se encontram, mas principalmente das relações que mantêm com os demais termos das orações.

Já no latim os substantivos apresentam desinências diferentes de acordo com o papel que desempenham que são vocativo, genitivo, dativo, ablativo, acusativo, sendo que um mesmo substantivo será escrito de formas diferentes.

Essas aproximações tem levado vários teóricos a se aprofundar e interessar no estudo do latim, buscando explicações para fenômenos aparentemente inexplicáveis de nosso idioma e das línguas irmãs do português.

## CONCLUSÃO

A partir de nossos objetivos “verificar as aproximações dos substantivos na língua latina e portuguesa” propomos um estudo da morfossintaxe analisando as funções sintáticas que os substantivos exercem dentro de uma oração, tanto na língua portuguesa quanto em latim.

Esse estudo será importante de modo geral porque enfoca um tema a morfossintaxe ocorrente na língua latina na língua portuguesa. Assim com análises feitas em frases, mostrando as diversas funções sintáticas do substantivo, foi possível detectar algumas mudanças sofridas pela língua portuguesa no processo de transição. Portanto as declinações foram inseridas na língua portuguesa, mas com modificações recorrentes da fonologia, fonética, sintaxe, semântica e principalmente morfológicas.

Com as considerações feitas, a partir do latim clássico e do vulgar, em torno dos substantivos, no decorrer desta pesquisa, pode-se perceber que a analiticidade da língua oral foi um dos principais motivos para que ocorressem mudanças dentro das línguas românicas.

Esse fato foi percebido na descrição de algumas das principais mudanças morfossintáticas ocorridas com a classe gramatical do nome, em especial a disposição dos termos na oração, que antes era livre agora possui uma ordem direta (sujeito+verbo+objeto), fazendo com que desapareçam as desinências casuais que, no latim clássico, expressam as funções sintáticas da cada palavra ou expressões na frase. A língua latina pode fornecer bases sólidas para estudos históricos da língua, estudos de análise sintática, estudos literários e de crítica.

Com todo esse aparato fez-se necessário um estudo de pesquisa, com o intuito de demonstrar porque o latim é importante nos cursos de letras, uma vez que a língua portuguesa como toda língua neolítana originou-se a partir da evolução do latim. Não se pode fazer um estudo da língua portuguesa, sem falar da língua materna descendente da família das línguas indo-européia, como o latim língua dos romanos.

Todavia, deixar de lado a língua que não só deu origem ao português e demais língua neolítanas, como também influenciou tantas outras, é deixar de lado a oportunidade de entender, historicamente, como todas essas línguas se relacionam e se transformam.

Finalmente espera-se que este trabalho contribua, para que o estudante de letras possa observar a importância que a língua latina representa para o conhecimento aprofundado de sua própria língua, fornecendo um excelente aporte para a formação do graduando e ao mesmo tempo, a defesa da sobrevivência do ensino do latim que é em última instância, a defesa da aquisição de cultura da nossa história.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de . **Gramática metódica da Língua Portuguesa**. 36ª ed. São Paulo, Saraiva, 1989.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de . **Gramática Latina**. 29ª ed. São Paulo, Saraiva, 2000.

BOOMFIELD, Leonard. **Language**. Nova York: H. Holt, 1933.

BORTOLANZA, João. *Corpus da Poesia Latina de Antônio de Castro Lopes*. Tese de Doutorado, UNESP/Assis, 1994, 4 vol.

CARDOSO, Zélia de Almeida. **Iniciação ao Latim**. 3ª edição. São Paulo: ática, 1997.

COMBA, Julio. **Gramática Latina: para seminários e faculdades**. – 4. ed. ver. E adap. à nomenclatura gramatical brasileira. – São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 1991.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de Gramática Histórica**. Rio de Janeiro. Ed. ao Livro Técnico, 1976.

CUNHA, Celso; CARDOSO, Wilton. **Estilística e Gramática Histórica**: Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

FURLAN, Oswaldo. *Gramática básica do latim*. Editora da UFSC, 1993.

INFANTE, Ulisses. **Curso de Gramática Aplicada aos Textos**. Ed. Scipione. São Paulo, 1999.

LYONS, Jhohn. **Linguagem e lingüística**, Rio de Janeiro, Guanabara, 1978.  
Introduction to Theoretical Linguistics, Cambridgi: CUP, 1969

MACAMBIRA, José Rebouças. **A estrutura morfo-sintática do português**. 9ª reimpressão da 1. ed. de 1973. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.

MELO, Gladstone Chaves de. **Iniciação à filologia e a lingüística portuguesa**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica. 1975.

SACCONI, Luiz Antonio: **Teoria e Prática** – NGTB/Luiz Antonio Sacconi. – 18. ed. Reformu e atual. – São Paulo: Atual,1994.

SILVA NETO, Serafim. **Fontes do Latim Vulgar**. O Appendix Probi. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1956.

## ANEXOS

### 1-TRADUZIR EM LATIM;

- a- As águas regam a terra
- b- A lua mostra o caminho aos marinheiros
- c- Os marinheiros ocupam a ilha
- d- A filha da rainha chama as pombas
- e- A turba louva os marinheiros
- f- As fábulas dos poetas deleitam as moças
- g- Poeta, por que não louvas a justiça?
- h- A sombra dá alegria aos agricultores
- i- Por culpa do poeta o marinheiro prepara a fuga
- j- Louvamos a atividade das criadas

### 2- Traduzir em Latim;

A filha (suj.) da rainha.

A coroa (suj.) da filha.

As coroas (suj.) da rainha.

As filhas (suj.) da rainha.

A pena (obj. dir.) das pombas.  
As penas (obj. dir.) da pomba.  
Ó escrava da rainha.  
Ó rainha das escravas.  
Os marinheiros (suj.) da rainha.  
Os lavradores (obj. dir.) da província.  
Para as criadas da filha da rainha.  
As penas (suj.) da águia da filha da rainha.  
Ó lavradores da rainha.  
Ó rainha dos marinheiros.  
Pena (suj.) para a asa da águia.  
Penas (obj. dir.) às asas das águias.

Respostas: filia reginae.corona filiae.coronae reginae.filias reginae.pennam columbis.pennas columbae.ancilla reginae.regina ancillae.nautae reginae.agrícolas provinciae.filia reginae ancillis.Pennae aquilae filiae reginae.agricolae reginae.regina nautarum.Penna alae aquilae.Pennas alis aquilarum.

### **Vocabulário:**

Águia – aquila, aquilae (f.)  
Asa – ala, alae (f.)  
Coroa – corona, coronae (f.)  
Criada – ancilla, ancillae (f.)  
Escrava – ancilla, ancillae (f.)  
Filha – filia, filiae (f.)  
Lavrador – agrícola, agricolae (m.)  
Marinheiro – nauta, nautae (m.)  
Pena – penna, penae (f.)  
Pomba – columba, columbae  
Província – provincia, provinciae (f.)  
Rainha – regina, reginae

3-Dê a tradução correta das seguintes frases:

- (a) familia est.
- (b) serua Staphyla est.
- (c) est enim aula aurī plēna. (aula, panela; aurī plēna, cheia de ouro)
- (d) coquus est seruus. (coquus, cozinheiro; seruus, escravo)
- (e) Phaedra fīlia est.
- (f) in aedibus sunt Eucliō, Phaedra et serua. (in aedibus, na casa)
- (g) auārus est senex. (auārus, ganancioso; senex, velho)
- (h) est prope flūmen paruus ager. (prope flūmen, perto do rio; paruus, pequeno; ager, campo)

4-Traduza as frases do latim para o português. Depois, traduza as frases em português para latim, para ajudá-lo a compor a ordem das palavras corretamente.

(a) sunt in familiā Eucliō, Phaedra, Staphyla.

Há na família uma escrava

(b) Eucliō et Phaedra in aedibus sunt.

A escrava está na casa.

(c) Eucliō sum.

Você é um escravo.

(d) fīlia Eucliōnis Phaedra est.

A escrava de Euclião é Estáfila.

(e) quis es?

Eu sou Euclião.

(f) quī estis?

Nós somos Euclião e Fedra.